

O EMBATE ENTRE EDWARD SAID E BERNARD LEWIS NO CONTEXTO DA RESSIGNIFICAÇÃO DO ORIENTALISMO

Leonardo Luiz Silveira da Silva

Doutorando em Geografia pela PUCMG

RESUMO

O termo Orientalismo passou por uma ressignificação na contemporaneidade. No período que envolve os séculos XVIII e XIX e a primeira metade do século XX, o seu discurso era comprometido ou influenciado pela *mission civilisatrice* europeia. Já na segunda metade do século XX, em que os impérios coloniais se desmantelaram, o seu discurso fundador passou a sobreviver como um resquício do passado, permitindo a emergência de temas que passaram a integrar o escopo de sua abordagem. No contexto da alardeada ressignificação do termo, ascende como especialista de sua temática Edward Said. Este autor, crítico literário de origem palestina e um dos principais nomes dos estudos pós-coloniais trava um embate ferrenho com o professor Bernard Lewis, dono de vasta obra sobre os povos árabes, o Islã e o Oriente Médio. O embate, que se dá no contexto da ressignificação do Orientalismo nos ensina a ser crítico e considerar o processo histórico como método imprescindível para as interpretações ou adjetivações.

Através do antagonismo proporcionado pelos autores podemos entender que os estereótipos não dimensionam a pluralidade que envolve as sociedades e os seus indivíduos, se constituindo, portanto, como um problemático instrumento de representação dos mesmos.

Palavras-Chave: Orientalismo, ressignificação, Edward Said, Bernard Lewis

ABSTRACT

Today, Orientalism is undergoing a redefinition. In the period surrounding the eighteenth and nineteenth centuries and the first half of the twentieth century, his speech was compromised or influenced by the European *mission civilisatrice*. In the second half of the twentieth century, when colonial empires were dismantled, the founder discourse of Orientalism came to survive as a remnant of the past, allowing the emergence of themes that became part of the scope of its approach. In the context of the redefinition of the Orientalism, Edward Said emerges as a specialist of this theme. This author, literary critic of Palestinian origin and one of the leading names of postcolonial studies establishes a great debate with Professor Bernard Lewis, owner of extensive work on the Arab people, Islam and the Middle East. The debate, which takes place in the context of redefinition of Orientalism teaches us to be critical and consider the historical process as an indispensable method for interpretations or the placing of adjectives. Through the antagonism provided by the authors we can understand that stereotypes do not measure the plurality involving the societies and the people around the world, constituting, therefore, as a problematic tool to ensure they representation.

Key Words: Orientalism, redefinition, Edward Said, Bernard Lewis.

1. Introdução

Edward Said e Bernard Lewis dedicaram boa parcela de sua vida acadêmica às produções ligadas ao Oriente Médio e ao Islamismo, sendo que através delas abordaram o embate entre o Ocidente e o mundo islâmico. As grandes divergências entre o que está por trás da natureza do embate abordado levaram os autores a discordarem publicamente de suas posições. Vindos de origens diferentes – Said nasceu em Jerusalém da década de 1930 e Lewis em

Londres durante o período da Primeira Guerra Mundial -, estes autores deixaram um importante legado, não somente pela extensão dos seus escritos e da qualidade de sua pesquisa, mas principalmente por exporem divergências analíticas que são, para os estudiosos dos estudos pós-coloniais, registros de alto teor pedagógico.

Bernard Lewis ainda é vivo, tendo completado 98 anos em maio de 2014. É professor emérito da Universidade de Princeton em Nova Jérsei, nos Estados Unidos. Lewis têm descendência judaica e serviu no exército britânico durante a Segunda Guerra Mundial. É o autor de livros que alcançaram grande vendagem, atingindo o público não acadêmico. Dentre eles se destacam: “*O que deu errado no Oriente Médio?*”; “*A crise do Islã*”; *A descoberta da Europa pelo Islã* e *Os assassinos: os primórdios do terrorismo no Islã*”.

Edward Said faleceu em 2003 aos 68 anos. Viveu entre o Cairo e Jerusalém na sua infância, tendo a sua formação em escolas ocidentais. Foi professor na Universidade de Columbia durante a maior parte de sua vida profissional. Envolveu-se ativamente na militância a favor da criação de um Estado Palestino, manifestando-se através de obras acadêmicas e de atos públicos, como a sua renúncia ao status de Membro do Conselho nacional Palestino em repúdio ao apoio de Yasser Arafat a Saddam Hussein durante a Guerra do Golfo de 1991. É o autor de *Orientalismo: O Oriente como uma invenção do Ocidente*, considerado por muitos como um dos textos fundadores dos estudos pós-coloniais. Suas obras destacam-se pela erudição e pelo diálogo com a literatura (Said foi professor de Literatura Comparada), destacando-se também ao lado de *Orientalismo* as obras *Cultura e Imperialismo* e *A questão Palestina*.

A crítica de Edward Said ao legado de Bernard Lewis é vasta e está presente não somente em suas obras como também em entrevistas. Lewis já rebateu as argumentações de Said, considerando que o autor de origem árabe tem sua avaliação comprometida por se identificar com a causa Palestina. Há de se destacar que existe um notório desequilíbrio nas duas críticas (tanto quanto ao seu escopo quanto a quantidade de material encontrada), explicado pela maior dedicação de Said quanto à análise da obra de Lewis, o que era esperado devido à atuação do primeiro enquanto crítico literário.

Este artigo pretende apresentar a crítica de Edward Said a Bernard Lewis, em meio à ressignificação do termo orientalismo, destacando a importância desse embate para as disciplinas pertencentes ao campo das ciências humanas e sociais. Para tanto, faz-se necessário apresentar o Orientalismo dentro do contexto em que o termo passou a ser problematizado. Posteriormente, o Orientalismo será avaliado ao lado das premissas centrais lançadas pelo evolucionismo antropológico do século XIX, à medida que as práticas que estão nos seus escopos foram criadas em um momento histórico sujeito a estímulos semelhantes. A diferenciação permite considerar que, diferentemente do evolucionismo antropológico, o Orientalismo apresenta a supressão da experiência histórica como um dos seus importantes dogmas. Serão então apresentadas diversas manifestações orientalistas, no campo das artes, da literatura e das mídias, com o intuito de familiarizar o leitor em relação aos dogmas do Orientalismo apresentados por Edward Said em sua obra seminal. Finalmente, antes de abordar a crítica de Said a Lewis, serão apresentados os elementos de ressignificação do Orientalismo na contemporaneidade, como proposta para o entendimento do contexto em que o embate entre os dois autores se deu.

2. O Orientalismo

A palavra Orientalismo era durante os séculos XVIII e XIX geralmente usada para se referir ao trabalho do orientalista, um erudito versado na língua e na literatura oriental; no mundo das artes servia para identificar uma característica ou um estilo específico que também estava associado às nações orientais (MACFIE, 2002). No último quarto do século XVIII e no primeiro quarto do século XIX, a palavra tornou-se, no contexto do domínio britânico na Índia, uma forma de se referir aos problemas enfrentados pelos oficiais da Companhia das Índias Orientais marcada pelo uso de uma abordagem conservadora e romântica (MACFIE, 2002). Em sua origem, notavelmente, o Orientalismo se tratava de um campo de produção genuinamente europeu, povoado pela atuação acadêmica, literária e artística.

Na contemporaneidade, o Orientalismo ganhou outros contornos. O campo tratava de apresentar, nas mais diversas formas de atuação (tendo, portanto, um papel pedagógico na compreensão do fenômeno que pertencia ao escopo de suas preocupações), distintas regiões do mundo marcadas pela colonização europeia. A vasta área geográfica contemplada em sua abordagem coincidia com a atribuição insistente de poucos adjetivos aos povos contemplados pelas descrições europeias. A construção do imaginário que transformava os povos “ditos” orientais em uma massa comum que unia o Norte da África, o Oriente Médio, a Ásia Central e a Índia contribuiu para negligenciar a diversidade cultural das áreas abordadas e enfatizar o seu exotismo.

Por trás desta ação prevalecia o contraste entre os povos “civilizados” europeus e àqueles outros orientais que precisariam da iluminação europeia para abandonar costumes bestiais que os afastavam da civilização. Somada a esta noção se desenhava o binômio homem e paisagem a partir de imagens do dito Oriente como uma terra desértica, povoada por indivíduos de outra moralidade, portadores de uma sensualidade incontrolável (que é, inclusive, uma marca notória da arte orientalista), constituindo-se nem mais nem menos do que um exótico oásis pronto para ser conquistado pela aventura do Ocidental (SCHIOCCHET, 2011).

No século XIX, na Era Vitoriana, esta noção se aprofunda. Neste contexto, a antropologia se institucionaliza enquanto disciplina e dissemina as ideias produzidas pela sua corrente embrionária: o evolucionismo cultural. O Orientalismo, por sua vez, encontra associação frente àquilo que vinha sendo produzido no contexto da gênese da antropologia, o que é explicado pelo forte estímulo do imperialismo e do colonialismo no fazer científico em outros campos da vida cotidiana.

As etnografias do século XIX dentre as quais as orientalistas, indubitavelmente, condizem com o contexto histórico em que a Europa vivia. Ainda que no século XIX a Inglaterra se posicionasse como grande potência e a sua produção acadêmica acompanhasse este posicionamento, o Orientalismo já havia ganhado forma no século anterior em outros países como a França e

na Prússia (que teria posteriormente boa parte do seu território compondo a Alemanha), se manifestando através de inúmeras obras. O Orientalismo germânico floresceu sob influência de Antoine-Isaac Silvestre de Sacy, que foi o mentor de muitos orientalistas alemães, como Georg Wilhelm Freytag (MACFIE, 2002). Estas distintas manifestações do orientalismo mostra que o mesmo não é único, sendo construções alicerçadas e expressas a partir das experiências dos indivíduos e da própria sociedade em que está inserido. Esta relativização se preocupa com um paradoxo de certo modo comum: ao abordar muitas vezes a incapacidade da produção orientalista de ser um retrato fiel sobre a forma como o próprio oriental se vê, dentre outras fragilidades, esquecemos que o próprio Orientalismo pode ser relativizado. Faz-se necessário destacar que o próprio Said (2007) aponta para outro paradoxo: a possibilidade do oriental acreditar na imagem que é criada pelo orientalista.

Três dos maiores expoentes da academia britânica de antropologia, contemporâneos ao evolucionismo darwinista, produziram modelos de abordagem com destacado viés etnocêntrico. São eles: Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward Burnett Tylor (1832-1917) e James George Frazer (1854-1941). Morgan produziu em 1877 um trabalho cujo título é “*A sociedade Antiga: Ou as investigações sobre as linhas do progresso humano desde a selvageria, através da barbárie, até a civilização*”. Neste trabalho, Morgan cria categorias que são estágios de evolução, tendo como referência o estágio em que se encontra a sua própria sociedade como sendo o mais evoluído dentre todos os possíveis.

O Orientalismo, nas suas diversas manifestações, bebia nas mesmas fontes que a antropologia do século XIX. Parece plausível indicar que tais expressões reforçavam o sentido da *mission civilisatrice*. Nesta, mais do que um direito, era um dever das potências coloniais europeias como França e Inglaterra promover o desenvolvimento econômico, social e cultural de povos ao redor do mundo. Era um discurso que acabava contribuindo enquanto justificativa e legitimação do imperialismo europeu. Apesar do evolucionismo antropológico e o Orientalismo se encontrarem como instrumentos apropriados para a justificativa e legitimação da missão civilizadora, não

são de todo congruentes. Uma das marcantes características do fazer orientalista, para Said (2007), era justamente a descrição do Oriente como uma imagem, com características imutáveis, como se fosse imune à experiência histórica, enquanto que o evolucionismo antropológico se apoiava em uma única possibilidade evolutiva histórica-utópica.

Dentre as expressões acadêmicas, literárias e artísticas do século XIX, o Orientalismo se destaca. O campo mais fértil destas produções era o continente europeu que estava cercado ao sul e sudoeste por povos ditos orientais, que tinha como principal característica a fé islâmica. Ainda que em suas abordagens o orientalismo não se limite a contemplar somente a religião islâmica, a mesma se constituiu como um tema dos mais frequentes. Isto se explica principalmente pela geografia do Islã e pela história da sua relação com o continente europeu e com o cristianismo. Quanto à geografia do Islã, há de se considerar que um grande arco de países de maioria muçulmana que se estende do Marrocos no Magrebe à Ásia Menor cercam a Europa, sujeitando-a a uma relação de estranhamento (e o mesmo acontece com estes povos islâmicos, em sua perspectiva, frente aos europeus).

Quanto à história da relação do Islã com a Europa e o cristianismo, abundam exemplos de conquistas territoriais (tanto do Islã frente à Europa cristã quanto desta última em relação ao primeiro), violência e, mesmo em tempos de paz, relações econômicas e culturais suficientes para causar o estranhamento, como aborda Michael Curtis (2009) em *Orientalism and Islam*. A expressiva zona de contato entre europeus e os povos de fé islâmica inspirou a oposição entre “nós e eles”.

A história de séculos anteriores contribuiu para a formulação de um imaginário e a atribuição de adjetivos generalistas, à medida que o embate militar que a Europa experimentou nas Cruzadas, nos Balcãs e na Península Ibérica (Invasão árabe e Guerra de Reconquista) expôs as diferenças entre os europeus e os orientais. Contudo, é importante destacar que o orientalismo não se baseia somente em um olhar sobre a fé do outro. Ainda que a fé seja muito relevante no que tange à formação da moral, da ética e de amplas nuances da vida cotidiana, o Orientalismo, como já foi dito, é capaz

de expressar uma relação mais ampla do homem e paisagem, mesmo que tal amplitude não seja relativista.

Na sua obra clássica em que aborda a temática, Edward Said identifica quatro dogmas que contemplaria o escopo do Orientalismo.

O primeiro dos dogmas é a diferença absoluta e sistemática entre o ocidente, que é racional, desenvolvido, humanitário, superior, e o Oriente, que é aberrante, não desenvolvido, inferior.

O segundo dogma é que as abstrações sobre o oriente, particularmente as baseadas em textos que representam uma civilização oriental clássica, são sempre preferíveis a evidências diretas tiradas das modernas realidades orientais.

Um terceiro dogma é que o Oriente é eterno, uniforme e incapaz de se definir; portanto supõe-se ser inevitável e até cientificamente objetivo um vocabulário altamente generalizado e sistemático para descrever o Oriente de um ponto de vista ocidental.

Um quarto dogma é que o Oriente é no fundo algo a ser temido (o perigo amarelo, as hordas mongóis) ou controlado (pela pacificação, por pesquisa e por desenvolvimento, pela ocupação cabal, sempre que possível). (SAID, 2007, p.401-402).

Os dogmas do Orientalismo destacados por Said se manifestam na chamada arte orientalista. Consagrada como um estilo nas décadas finais do século XIX e no início do século XX a arte orientalista teve em Theodore Chassériau e Jean-Léon Jérôme nomes de expressão. Neste estilo de arte, feita em um período em que os modernos Estados europeus ainda não haviam se apossado das terras do Levante, mas já estavam presentes no Magrebe e na Índia, a mulher é representada em seu contraste: sem pudor no interior de sua casa, exalando sensualidade e com muita discrição em ambientes públicos. Além disto, a mulher é reduzida à posição de subserviência à figura masculina.

É destacada a qualidade do árabe, como se inata fosse, de se ater ao comércio, possuir eunucos e ter apreço por haréns. Os mercados de rua, a

arquitetura tipificada e o uso do narguilé são outros elementos constantes na pintura orientalista. Este tipo de expressão, ainda que singela e de difícil associação com o exercício imperial da Europa para com o norte da África, a Ásia Central, o Sudeste Asiático e o Oriente Médio, aponta, no mínimo, para as peculiares diferenças entre “nós e eles”, apontamento este que semeia os discursos sobre as diferenças que construíram e ainda constroem estereótipos pejorativos de determinados povos que justificam a missão civilizadora europeia (SILVA, 2013).



Figura 1: CHASSÉRIAU, Théodore. Orientalist Interior (1850-1852). Disponível: <http://www.friendsofart.net/en/art/theodore-chassériau/orientalist-interior>



Figura 2: La grand piscine à Brusa. JÉROME, Jean-Léon (1885). Disponível em: <https://www.pinterest.com/pin/319263061057889496/>

A literatura orientalista, assim como a arte, atende aos quatro dogmas levantados por Said. São inúmeros os romances orientalistas, que se multiplicaram nos séculos XIX e início do século XX. Ocorrem em forma de narrativas plenamente orientalistas ou mesmo em curtas passagens. Textos literários do final do século XIX e início do século XX podem encontrar forte influência do contexto histórico da época, aludindo àquilo que a antropologia trazia como abordagem (influência de Morgan, Frazer e Tylor com seu evolucionismo cultural) e com o contexto colonial e da *mission civilisatrice* europeia. Joseph Conrad, autor amplamente analisado por Edward Said em seus escritos, escreveu *O Coração das Trevas* no ano de 1899.

Apesar de sua origem ucraniana, Conrad adotou a Inglaterra do século XIX como seu lar. Nesta obra Conrad não aborda um domínio geográfico característico como alvo do Orientalismo, apesar desta obra ser referida como uma típica obra orientalista (AZAM, 2014). O romance citado se passa na

Bacia do Rio Congo, na África Equatorial, em uma área colonizada pelos belgas, região em que o autor teve a experiência de se aventurar previamente. Na sua narrativa, Conrad expõe, nas curvas da aventura fluvial de um europeu na região africana, uma noção de civilização e quiçá de humanidade que é pedagógica se associada ao seu contexto histórico. No trecho a seguir, de *Coração das Trevas*, o primeiro e o quarto dogmas que são sintomáticos da abordagem orientalista estão fortemente presentes.

Mas, de repente, quando dobrávamos morosamente uma curva, haveria um vislumbre de paredes de junco, de telhados de palha pontudos, uma explosão de gritos, um turbilhão de membros negros, uma massa de mãos aplaudindo, de pés batendo no chão, de corpos balançando, de olhos revirando, sob a dobra da folhagem pesada e imóvel. O barco prosseguia, com esforço, lentamente, à margem de um frenesi indecifrável e negro. O homem pré-histórico estava nos amaldiçoando, venerando, saudando – quem saberia dizer? Estávamos fora do alcance da compreensão de nossa vizinhança; deslizávamos por ela como espectros, maravilhados e secretamente apavorados como pessoas sãs ficariam diante de uma explosão de alegria num hospício (...).

(...) Eles uivavam e pulavam, e rodopiavam, e faziam caretas medonhas; mas o que apavorava era exatamente a ideia de humanidade deles – como a sua -, a ideia de seu parentesco remoto com essa gritaria selvagem e impetuosa. (CONRAD, 2010, p 64).

A escritora inglesa Agatha Christie, de vasta obra, especializou-se em romances policiais. Casou-se em 1930 com um arqueólogo e com ele fez expedições pelos vales dos rios Tigres e Eufrates e a partir de sua confluência, que dá origem ao canal Shatt-El-Arab. Ao acompanhar o ofício do marido, pode ter contato com paisagens fora da Europa e destilar expressões orientalistas em algumas de suas obras. Em *Aventura em Bagdá*, escrito originalmente em 1951, a inglesa apresenta sutilmente (ou nem tanto) os conceitos de

selvagem e civilizado, dando clareza quanto à presença do primeiro dogma do orientalismo levantado por Said.

Carmichael nascera em Kashgar, onde o pai trabalhava como oficial do governo. Quando criança balbuciava uma língua que misturava trechos de vários dialetos e patoás; suas babás – e mais tarde os seus tutores – haviam sido nativos de várias raças diferentes. Tinha amigos em quase todos os lugares selvagens do Oriente Médio. Apenas nas cidades e povoados seus contatos ficavam devendo. Agora aproximando-se de Basra, sabia que chegara o momento mais crítico de sua missão. Mais cedo ou mais tarde precisaria ressurgir na zona civilizada. (CHRISTIE, 2013, p.51)

Em *A volta ao mundo em 80 dias*, Júlio Verne serve de um exemplo tão pedagógico quanto Conrad ou Christie, sendo que o trecho a seguir consegue contemplar o primeiro, o segundo e o quarto dogma de Said:

Toda essa parte do alto Bundelcunde, pouco frequentada por viajantes, é habitada por população fanática, endurecida nas práticas mais terríveis da religião indiana. O domínio dos ingleses não pôde estabelecer-se regularmente em território submetido à influência dos rajás, aos quais seria difícil alcançar, nas suas posições inacessíveis encravadas nos Víndias. Por várias vezes avistaram bandos de hindus selvagens e ferozes, que faziam gestos de cólera ao verem passar o veloz quadrúpede. Entretanto, o parse evitava-os o mais possível, considerando-os como criaturas cujo encontro seria funesto. (VERNE apud FRONZA, 2011, p.278).

As literaturas orientalistas contribuíram para a construção do imaginário europeu sobre os povos ditos orientais ao seu tempo e deixa (uso o verbo no presente porque obviamente ainda são produzidas na contemporaneidade) um legado importante que extrapola gerações e que coloniza cora-

ções e mentes. Diferentemente dos textos acadêmicos, a literatura possibilita a experimentação de narrativas baseadas em terceira pessoa. Na academia, o senso de neutralidade científica faz com que os orientalismos e mesmo os ocidentalismos¹ soem como expressões ingênuas de leituras da realidade.

Outro importante meio de propagação do Orientalismo é a mídia. A expansão das atividades midiáticas experimentada no período que vai de 1950 até o atual não encontra precedentes históricos. Neste período consolida-se uma mídia global, ilustrada pelo crescimento da importância de agências de notícias como a *Reuteurs* ou a *A.F.P.* Justamente neste período, o Oriente Médio viveu anos turbulentos do ponto de vista político que parecem não cessar. Considerando a capacidade da política regional do Oriente Médio em interferir no cotidiano da América do Norte e da Europa, dado o entrelaçamento econômico movido pelo lugar que o petróleo ocupa na sociedade contemporânea, era de se esperar as imagens do Ocidente para o Oriente e sua variação ao sabor das mudanças políticas regionais. Sobre este assunto, didaticamente, expõe Said:

A fantasia para a décima reunião da classe de Princeton em 1967 fora planejada antes da Guerra de Junho. O tema – pois seria errado descrever a fantasia como mais do que grosseiramente sugestiva – devia ser árabe: mantos, turbantes, sandálias. Logo depois da guerra, quando já se tornara claro que o tema árabe era motivo de constrangimento, foi decretada uma mudança na reunião. Usando a fantasia como fora planejada no início, a classe deveria agora andar em procissão, as mãos acima da cabeça num gesto de derrota abjeta. Isso era o que o árabe se tornara. De um estereótipo vagamente delineado como um nômade montado num camelo a uma caricatura aceita como a encarnação da incompetência e da fácil derrota: esse era todo o alcance atribuído ao árabe. Mas, depois da Guerra de 1973, o árabe apareceu como algo mais ameaçador. Caricaturas represen-

¹ Visões que o Oriente constrói sobre o Ocidente.

tando um xequê postado atrás de uma bomba de gasolina surgiam rapidamente. (SAID, 2007, p.381-382)

Os canais midiáticos são sensíveis às estas impressões. Contudo, quantificar esta certeza parecia ser intangível. Eis que um trabalho acadêmico trouxe-nos a luz. Intitulado *Orientalismo na Imprensa Brasileira*, a dissertação escrita por Isabelle Christine Somma de Castro buscou verificar a existência de estereótipos e preconceitos em um período de cerca de trinta dias imediatamente anteriores aos Atentados Terroristas de 11 de Setembro e em outro período de trinta dias imediatamente posteriores ao violento evento. Usou como fonte dois jornais de grande circulação no país: A Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo. Utilizou as reportagens dos jornais como fontes de quantificação de abordagens orientalistas.

São apresentados como resultados da pesquisa de Somma (2007):

- a) A violência de árabes e muçulmanos foi destacada e a violência contra eles foi suavizada;
- b) Estereótipos foram difundidos e estigmas foram criados;
- c) Velhas imagens se mantiveram vivas no noticiário de ambos os jornais;
- d) Ambos os jornais seguiram a linha de “fabricar consensos”.

Quanto à capacidade de fabricar de consensos, argumenta a autora:

Segundo Chomsky e Herman (2002), a imprensa defende uma agenda econômica, política e social de grupos privilegiados que dominam a sociedade e o Estado. Os veículos midiáticos servem a este propósito de várias maneiras, entre elas selecionando tópicos de uma forma que aqueles que beneficiam governos e empresas sejam os escolhidos. Ao dar mais ênfase à violência quando os agentes são árabes e muçulmanos e menor quando os agentes são o governo israelense e o norte-americano, essa fábrica se mostra em pleno vigor. (SOMMA, 2007, p. 157)

Considerando a capacidade de penetração da mídia, o Orientalismo por ela praticado torna-se uma forma muito poderosa de moldar opiniões e construir um imaginário pejorativo do que é o árabe e do que é o Islã. O seu método convida-nos a investigar outros canais midiáticos nacionais e internacionais para medir algo que suspeitamos: o fato do discurso hegemônico midiático flertar com os dogmas orientalistas.

2.1 Resíduos do século XIX: O Orientalismo ressignificado

O Orientalismo passou a ser problematizado quando o colonialismo inglês e francês vivia o seu auge, justamente nos séculos XVIII e XIX, fazendo destes países impérios que tinham vastas parcelas do, África e Sudeste Asiático em seu poder, além de relações muito intensas com o Oriente Médio. Naquele momento, como foi dito, o Orientalismo colabora e pertencencia ao contexto da missão civilizadora europeia. Enquanto o sistema colonial europeu entrou em colapso na segunda metade do século XX, o Orientalismo sobreviveu enquanto ideologia e prática. Para tanto, passou por uma ressignificação, mantendo elementos que se constituem como resíduos simbólicos acrescidos de novos estímulos contemporâneos. A missão civilizadora, ainda que exista enquanto resíduo, já não encontra o mesmo lugar de antes, dando espaço a outros assuntos prioritários como:

- a) **O imperialismo contemporâneo:** manifesto na forma do neocolonialismo, busca garantir o acesso aos recursos energéticos do Oriente Médio e controlar as rotas comerciais regionais. Os estreitos que se espremem pelo Mar Vermelho e pelo Golfo Pérsico são áreas estratégicas na circulação marítima.
- b) **O controle da imigração:** O crescente número de magrebins e outros árabes na Europa e nos Estados Unidos justifica o fortalecimento das abordagens orientalistas dos partidos de extrema-direita como o francês *Front National* de Marine Le Pen. O discurso odioso, estereotipado e pejorativo contra o árabe e contra todos os muçulmanos fazem parte do escopo das manifestações xenófobas do nosso tempo.
- c) **O combate ao terrorismo:** Os atentados terroristas de 11 de Setembro foram um importante marco para a intensificação do discurso orientalista.

A atribuição de culpa à fé islâmica e da percepção da violência como característica inata do árabe se multiplicaram e legitimaram ações militares das potências globais contra o Afeganistão (2001) e o Iraque (2003).

Tais assuntos desempenham na prática orientalista função muito semelhante àquela que desempenhou no período colonial. Contudo, é importante destacar as características do novo tempo pós-colonial. A contemporaneidade marca a intensificação da globalização, conferindo contornos geográficos mais complexos ao caráter híbrido das ideologias e das práticas, fazendo com que o Orientalismo, mais do que nunca, seja apresentado e apropriado de diversas formas. Assim como Stuart Hall (2013) se refere às características da cultura, o orientalismo assim se manifesta: recusando ser perfeitamente encurralado dentro das fronteiras nacionais, transgredindo os limites políticos, afrouxando os seus laços com o lugar e, por fim, podendo ser mapeado, de maneira plausível, como algo semelhante a um processo de repetição com diferença ou de reciprocidade sem começo.

Assim, há de se considerar na contemporaneidade quem expresse o Orientalismo através da romantização e da erotização, ainda que tais expressões residam no segundo dogma que caracteriza a sua prática. Em suma, não é só o capital ou interesses políticos que se constituem como a chave explicativa do Orientalismo hoje, ainda que “os orientalistas tenham uma história específica de cumplicidade com o poder imperial que seria panglossiano chamar de irrelevante” (SAID, 2007, p.453).

3. Lewis e sua suposta supressão da experiência histórica

Em meio ao período marcado pela ressignificação do Orientalismo, Bernard Lewis produziu diversas obras que foram alvejadas pela crítica de Edward Said. Para o autor palestino, Bernard Lewis é um típico orientalista. O equívoco da abordagem de Lewis reside no teor fortemente etnocêntrico de sua escrita que cometeria o grave erro de natureza metodológica de suprimir a experiência histórica em suas produções acadêmicas.

Lewis foi somente um dos alvos de Said no vasto rol de autores criticados. Em comum, tais autores, suprimiriam a experiência histórica em seus registros. No trecho inicial da obra *Orientalismo*, Said cita trecho do livro *Modern Egypt*, obra de lord Cromer, representante chefe da Grã-Bretanha no Egito na passagem dos séculos XIX e XX. O escrito de Cromer será apresentado antes dos escritos de Lewis por escolha didática. Cromer destila de forma mais explícita a abordagem orientalista do que Lewis, sendo um bom ponto de partida para o entendimento do que Said quer dizer quando alude à supressão da experiência histórica. Eis o trecho de Cromer:

O europeu é um bom raciocinador; suas afirmações factuais não possuem nenhuma ambiguidade; ele é um lógico natural, mesmo que não tenha estudado lógica; é por natureza cético e requer provas antes de aceitar a verdade de qualquer proposição; sua inteligência treinada funciona como um mecanismo. A mente do oriental, por outro lado, como as suas ruas pitorescas, é eminentemente carente de simetria. Seu raciocínio é dos mais descuidados. Embora os antigos árabes tivessem adquirido num grau bem mais elevado a ciência da dialética, seus descendentes são singularmente deficientes na faculdade lógica. São muitas vezes incapazes de tirar as conclusões mais óbvias de quaisquer premissas simples, das quais talvez admitam verdade. Procurem extrair uma simples declaração de fatos de qualquer egípcio comum. Sua explicação será geralmente longa e carente de lucidez. É muito provável que se contradiga meia dúzia de vezes antes de terminar sua história. Ele com frequência sucumbirá sob o processo mais ameno de acareação. (CROMER apud SAID, 2007, p.71)

A alardeada supressão da experiência histórica como base para o *Orientalismo* fica mais fácil de ser explicada à luz de trechos como o do lord Cromer. O inglês, como se viu, admitiu que os antigos árabes adquiriram a dialética em grau elevado. Não entra no mérito de como a perderam ao

assumir que seus descendentes são deficientes na faculdade lógica. Ao considerar as relações de poder como explicativa para os rumos tomados pelas sociedades que passaram pela experiência colonial, um analista não cai na armadilha de desconsiderar os eventos históricos e as relações causais para a compreensão da realidade que se intenta avaliar. O imperialismo se apresenta como um limitador do livre desenvolvimento das nações e explica, em boa parte, o atual status de uma sociedade. O imperialismo atuou na época do lorde Cromer na forma de colonialismo e ainda hoje atua em sua nova roupagem: o neocolonialismo.

A suposta carência de lucidez do árabe denunciada por Cromer não seria melhor explicada por um misto que envolve o estado social de um egípcio médio e as divergências das línguas inglesa e árabe ao invés de transmitir uma ideia de característica árabe inata? Tanto na explicação do estado social quanto na das divergências linguísticas há de se considerar a experiência histórica. É justamente esta uma das principais críticas de Said a Lewis, que, ao enquadrá-lo no rol dos orientalistas dedica parte importante do posfácio da edição de 1995 do livro *Orientalismo* para analisar o legado do autor britânico.

Said argumenta de antemão que em nenhum momento disse que o Orientalismo é mau, desleixado ou sempre o mesmo. Contudo, tem a intenção de deixar claro que a corporação de orientalistas tem uma história específica de cumplicidade com o poder imperial que seria panglossiano chamar de irrelevante (SAID, 2007, p. 453). Analisando uma série de críticas à sua forma de pensar, acaba atacando Bernard Lewis:

Há um esforço persistente de sugerir que toda crítica do Orientalismo (e a minha em particular) é despida de sentido e, de certo modo, uma violação da própria ideia de erudição desinteressada. É o que faz Bernard Lewis, a quem dediquei algumas páginas críticas em meu livro. Quinze anos depois da publicação de *Orientalismo*, Lewis produziu uma série de ensaios, alguns coligidos num livro intitulado *Islam and the West*. Boa parte do livro consiste em um ataque a mim, em meio a outros ensaios que mobilizam um conjunto de

fórmulas vagas e caracteristicamente orientalistas – os muçulmanos se enfurecem com a modernidade, o islã nunca fez separação entre a igreja e Estado, e assim por diante -, todas pronunciadas num nível extremo de generalização e quase sem menção às diferenças entre os muçulmanos individuais, entre as sociedades muçulmanas, entre as tradições e eras muçulmanas. Suas ideias são, ai de nós, bastante corrente entre seus acólitos e imitadores, cuja tarefa parece consistir em alertar os consumidores ocidentais para a ameaça de um mundo islâmico enfurecido, congenitamente não democrático e violento. (SAID, 2007, p.454)

Ao argumentar que as ideias de Lewis objetivam alertar os consumidores ocidentais para a ameaça de um mundo islâmico enfurecido, Said alude ao caráter de leitura de massa dada às obras de Lewis e que, no momento do ataque de 11 de Setembro, foram de fato cercadas do interesse do grande público. Bernard Lewis, assim como foi o caso relatado por Said (2011, p.463) acerca do livro *República do medo* - de Kanan Makiya² – teria caído na armadilha (ou se jogou) do oportunismo literário, o que fica evidente quando vemos a data das edições de algumas de suas obras de mais vendagem, como está exposto a seguir:

Obras de Bernard Lewis selecionadas

Título da Obra	Ano de publicação da versão original
Os assassinos: os primórdios do terrorismo no islã	2001
O que deu errado no Oriente Médio?	2002
A crise do islã: Guerra Santa e Terror Profano	2003
A descoberta da Europa pelo islã	1982/2001 ³

(SILVA, 2013)

² Obra que se refere ao Iraque de Saddam Hussein.

³ O segundo lançamento deste livro em língua inglesa ocorreu no ano de 2001.

Os anos de publicação dos livros de Lewis em questão sugerem uma resposta imediata a um evento posto: os atentados terroristas de 11 de setembro. A literatura de encomenda, que oferece resposta às questões mais imediatas consolidam caricaturas que cintilam no imaginário ocidental (SILVA, 2013). Vejamos uma passagem do livro “*A descoberta da Europa pelo islã*”, que, apesar do ano de publicação da primeira edição (1982) indicar não se tratar de uma resposta imediata aos atentados terroristas de 11 de Setembro (sua segunda edição coincide justamente com o ano do atentado, na publicação em língua inglesa), traz argumentos que merecem ser destacados, por entrarem em choque com os pressupostos de Said.

Podem parecer estranho que a civilização islâmica clássica, que em seus primórdios foi enormemente afetada por influências gregas e asiáticas, viesse rejeitar de forma tão decisiva o Ocidente. Mas podemos sugerir uma explicação plausível. Enquanto o Islã ainda estava receptivo e em expansão, a Europa ocidental tinha pouco ou nada a oferecer, mas, ao contrário, lisonjeava o orgulho muçulmano com o espetáculo de uma cultura que era visível e palpavelmente inferior. Além disso, o próprio fato de ser cristã a desprestigiava de antemão. A doutrina muçulmana das revelações sucessivas, culminando na missão final de Maomé, levava os muçulmanos a rejeitar o cristianismo como uma forma anterior e imperfeita de algo que ele próprio possuía em sua forma perfeita e definitiva e, em consequência, a desqualificar a civilização e o pensamento cristãos. Após o impacto inicial do cristianismo oriental sobre o islã em seu período inicial, as influências cristãs, até mesmo da avançada civilização de Bizâncio, foram reduzidas ao mínimo. Mais tarde, quando a expansão cristã e o recuo do Islã haviam criado uma nova relação, o Islã havia se cristalizado em suas formas de pensamento e comportamento e se tornara impermeável a estímulos externos, em especial aos que provinham do milenar adversário no Ocidente. Cercados pelo poderio militar do império Otomano, ainda uma formidável barreira mes-

mo durante o seu declínio, os povos do Islã continuaram, até o início da era moderna, a nutrir – como alguns no Ocidente ainda hoje fazem – a convicção de uma imutável e imensurável superioridade de sua própria civilização com relação a todas as demais. (LEWIS, 2010, p.380)

Lewis, ao argumentar sobre um Islã que se cristalizou em sua forma de pensamento e comportamento e se tornou impermeável a estímulos externos, não se baseia nos princípios essenciais do conceito da cultura, que são o caráter híbrido e permeável da mesma. Citando como um exemplo simples que endossa a argumentação de Edward Said em *Cultura e Imperialismo* acerca da permeabilidade cultural, consideremos a população iraniana que fala línguas que são, em sua maioria, indo-arábicas e de descendência ariana. Quanto à suposta “convicção de uma imutável e imensurável superioridade de que exibiam os povos islâmicos” alegada por Lewis (2010, p.380) precisamos criticar o emprego da palavra imutável pelas razões já explicadas neste mesmo parágrafo, enquanto que o senso de superioridade é tão natural às diversas culturas que se torna uma ação banal utilizá-lo como argumento para justificar a rejeição islâmica ao ocidente.

Neste trecho, de *A Crise do Islã* de Bernard Lewis, há uma tentativa de justificar a incapacidade do islã de se “adequar à modernidade”:

Quase todo o mundo muçulmano é afetado por pobreza e tirania. Ambos os problemas são atribuídos, especialmente por aqueles interessados em desviar a atenção de si mesmos, aos Estados Unidos – o primeiro, à dominância e exploração econômica norte-americanas, agora apenas superficialmente disfarçada de “globalização”; o segundo, ao apoio norte-americano a muitos dos chamados tiranos muçulmanos que servem a seus propósitos. A globalização tornou-se um dos temas mais importantes da mídia árabe, e é quase sempre suscitada em associação à penetração econômica norte-americana. A situação cada vez mais deplorável da economia na maior parte do

mundo muçulmano, comparada não apenas com o Ocidente, mas também com as economias rapidamente em ascensão do leste da Ásia, alimenta essas frustrações. A supremacia norte-americana, como o Oriente Médio a vê, indica para onde dirigir a culpa e a hostilidade resultantes. (LEWIS, 2004, p.110)

Como colocar no mesmo objeto de análise da relação Ocidente e Islã sociedades tão distintas entre si como aquelas que encontramos no Iêmen e na Malásia (bem como a não consideração das diferenças entre os indivíduos de cada sociedade)? Os eventos que se sucederam no Egito, na Tunísia e na Líbia e que foram batizados como Primavera árabe, mostraram que as sociedades islâmicas podem se levantar contra os seus próprios ditadores em uma busca de superação do perverso universo de estagnação socioeconômica que o próprio ocidente ajudou a construir sob o Islã. Lewis não reflete acerca da gênese da deprimente situação econômica enfrentada por alguns países árabes que, sem a devida diversificação econômica e profundamente especializados no petróleo, tornaram-se vítimas preferenciais do imperialismo ocidental.

A ligação entre as elites envolvidas com a produção do petróleo permitiu uma perversa prisão social que enriquecia ainda mais as elites e deixava a base da pirâmide social à míngua. Quando caminhamos para este tipo de discussão, a figura de Shimon Peres se destaca. Peres se aventurou a teorizar sobre as dificuldades que envolviam palestinos e israelenses e concluiu que as péssimas condições socioeconômicas dos primeiros era uma das explicações para as relações tão conturbadas entre os dois povos. Muito chocado com a situação social da Faixa de Gaza, Peres, que ocupou cargos importantes da política israelense após ter escrito o seu livro “*O novo Oriente Médio*”, argumentou que a paz poderia trazer muito desenvolvimento para o paupérrimo território. Deixou claro que, a melhoria socioeconômica dos palestinos seria boa para Israel, pois, como bem considerou, a pobreza é o pai do fundamentalismo (PERES, 1994, p.97).

No capítulo de conclusão de um dos seus livros mais vendidos, Lewis tenta responder uma pergunta que dá título a sua obra: “*O que deu de erra-*

do no Oriente Médio?”. Na argumentação a seguir, Lewis tenta desqualificar o papel do imperialismo como força que promoveu a perda do protagonismo árabe:

A ascensão do nacionalismo – ele próprio uma importação da Europa – produziu novas percepções. Os árabes puderam lançar a culpa por suas dificuldades sobre os turcos, que os havia dominado durante muitos séculos. Os turcos puderam atribuir a estagnação de sua civilização ao peso morto do passado árabe em que as energias criativas de seu povo turco foram aprisionadas e imobilizadas. Os persas puderam lançar a culpa pela perda de suas antigas glórias sobre árabes, turcos e mongóis, sem discriminação. O período de hegemonia francesa e britânica em grande parte do mundo árabe nos séculos XIX e XX produziu um bode expiatório novo e mais plausível – o imperialismo ocidental. No Oriente Médio, houve boas razões para tal acusação. A dominação política e a penetração econômica ocidentais, e - mais longa, mais profunda e mais insidiosa que tudo – a influência cultural, haviam alterado a face da região e transformado a vida de seu povo, conduzindo-o em novas direções, despertando novas esperanças e medos, criando novos perigos e expectativas igualmente sem precedentes em seu próprio passado cultural. Mas o interlúdio anglo-francês foi relativamente breve e terminou meio século atrás; a mudança para o pior começou muito tempo antes de sua chegada e não diminuiu após sua partida. Inevitavelmente, o papel que lhes cabia como vilões foi assumido pelos Estados Unidos, juntamente com outros aspectos da liderança do Ocidente. A tentativa de transferir a culpa para os Estados Unidos conquistou considerável apoio, mas por razões semelhantes continua convincente. O domínio anglo-francês e a influência americana, como as invasões mongóis, foram uma consequência, não uma causa, da fraqueza interna dos Estados e das sociedades do Oriente Médio. Alguns observadores, tanto dentro quanto fora da região, as-

sinalaram as diferenças no desenvolvimento pós-imperial de antigas possessões britânicas – por exemplo, entre Aden no Oriente Médio e lugares como Cingapura e Hong Kong; ou entre os vários territórios que outrora compuseram o Império britânico na Índia. (LEWIS, 2002, p.176, 177)

Neste desenvolvimento bem articulado de Lewis, é transmitida a ideia de que o terrorismo e as reações de indisposição do Islã com o Ocidente são injustificadas. O Islã teria “perdido um jogo” e reclama sem razão. Lewis banaliza a indisposição dos países árabes contra os seus ocupantes de um passado recente, como se isto não lhes tivesse trazido prejuízo relevante. Lewis, em suma, minimiza o papel do imperialismo e colonialismo que foi experimentado pelo Islã como importante explicação para a perda do seu protagonismo. Como sintetizou Said, no posfácio de *Orientalismo*, “a tática de Lewis é suprimir uma quantidade significativa de experiência histórica” (SAID, 2007, p.455).

4. Considerações finais

Os escritos de Bernard Lewis se situam em meio à ressignificação do *Orientalismo* ocorrida, em boa parte, no período pós-colonial. Em meio a este contexto, a supressão da experiência histórica é uma das críticas centrais de Said às argumentações de Bernard Lewis. O caráter central desta crítica é justificado pela sua capacidade de sintetizar diversas outras críticas, ou seja, a desconsideração da história contribui enormemente para a ocorrência de caracterizações dobre o Oriente que recaem em outros aspectos dogmáticos do *Orientalismo*.

A supressão da experiência histórica se enquadra diretamente nos dogmas do *Orientalismo* definido por Said, principalmente nas argumentações quanto à característica marcante dos orientalistas de expressar o Oriente como um retrato estático imune a história (o Oriente é eterno) e representar o Oriente a partir de um recorte temporal específico (as abstrações sobre o Oriente baseadas em textos que representam uma civilização oriental clássica).

ca são sempre preferíveis a evidências diretas tiradas das modernas realidades orientais). Ao considerar que os ensaios de Bernard Lewis mobilizam um punhado de fórmulas vagas como a ideia de que os muçulmanos se enfurecem com a modernidade ou que o Islã nunca fez a separação entre a igreja e o Estado, Said indica que o caráter vago da argumentação é fruto da supressão da experiência histórica.

Os argumentos de Lewis representariam um retrato de uma estrita porção estatisticamente irrelevante do universo islâmico, subtraindo do mesmo o processo histórico que explica melhor suas posições factuais do que o seu leviano determinismo cultural. Compreender uma cultura passa pelo entendimento do seu processo histórico e pela noção da natureza do seu conceito: a permeabilidade, a hibridiz e o dinamismo. Estas características que adjetivam as culturas são compartilhadas por uma gama de autores relevantes para as ciências humanas como Homi Babha (2013), Stuart Hall (2013) e Terry Eagleton (2011) e servem como base para a crítica de teorias que dimensionam a cultura como blocos monolíticos e com limites realizáveis. A teoria do *Choque das Civilizações* de Samuel Huntington (1997) experimentou a crítica de Edward Said que foi baseada no entendimento do conceito de cultura, que necessariamente exige a consideração do processo histórico para o entendimento do seu caráter formador:

Recentemente, por exemplo, o professor Samuel Huntington, da Universidade Havard, apresentou a proposição, longe de ser convincente, de que o bipolarismo da Guerra Fria foi suplantado pelo que chamou de “confronto de civilizações”, uma tese baseada na premissa de que as civilizações ocidental, confuciana e islâmica, entre várias outras, seriam compartimentos impermeáveis cujos membros estão no fundo interessado em afastar seus rivais. Isso é absurdo, porque um dos grandes progressos da moderna teoria cultural é a percepção, quase universalmente reconhecida, de que as culturas são híbridas e heterogêneas, e de que, como argumentei em *Cultura e Imperialismo*, as culturas e as civilizações são tão inter-relaciona-

das e interdependentes a ponto de irem além de qualquer descrição unitária ou simplesmente delineada de sua individualidade. (SAID, 2007, p.460)

A hibridez e a heterogeneidade da cultura denunciam a sua permeabilidade e seu dinamismo. Desconsiderar a cultura como algo em movimento, sujeito ao processo histórico é a crítica mais veemente de Edward Said aos argumentos de Bernard Lewis. O legado de Edward Said nos ensina a ser críticos quanto às etnografias e qualquer tipo de avaliação cultural, bem como refletir com argumentos mais encorpados acerca da cultura e a sua natureza. Por sua vez, a crítica de Said a Lewis é, acima de tudo, didática. Através dela Said pode expor com clareza as contradições e limitações de discursos que, nas suas palavras, suprimem a experiência histórica.

No contexto contemporâneo, em que o Orientalismo adquire novas formas (afinal, o Orientalismo também está em movimento), as contribuições de Said nos auxiliam a refletir a quem servem as abordagens descuidadas ou intencionadas. Assim, o legado de Said é inestimável não somente para a antropologia, mas para um grande conjunto de disciplinas das ciências humanas. O legado nos ensina a ser crítico e considerar o processo histórico como método imprescindível para as interpretações ou adjetivações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

4. AZAM, Azmi. Orientalism in Conrad's Heart of Darkness: Na influential tool of representing the non-europeans as subjugated entities in literature. New Delhi, Language in India, vol. 14, issue 1, jan 2014.
5. BHABHA, Homi K. O local da cultura. 2ªEd. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
6. CHRISTIE, Agatha. Aventura em Bagdá. Porto Alegre: LP&M, 2013.
7. CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Abril, 2010.
8. CURTIS, Michael. Orientalism and Islam. Thinkers on muslim government in the Middle East and India. New York: Cambridge University Press, 2009.

9. EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
10. FRONZA, Vanessa. O “orientalismo” na literatura do século XIX: o caso de a volta ao mundo em oitenta dias. Curitiba, Cadernos de Clio, número 2, pages 273-291.
11. HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. 2ªEd. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
12. HUNTINGTON, Samuel. O Choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
13. MACFIE, Alexander Lyon. Orientalism. Londres: Person Education, 2002.
14. LEWIS, Bernard. Os assassinos: os primórdios do terrorismo no islã. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
15. LEWIS, Bernard. O que deu errado no Oriente Médio? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
16. LEWIS, Bernard. A crise do islã: Guerra Santa e Terror profano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
17. LEWIS, Bernard. A descoberta da Europa pelo islã. São Paulo: Perspectiva, 2010.
18. SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011
19. SAID, Edward. O Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
20. SCHIOCCHET, Leonardo. Extremo Oriente Médio, admirável mundo novo: a construção do Oriente Médio e a Primavera Árabe. Rio de Janeiro, Tempo do Mundo, Volume 3, número 2, agosto, 2011.
21. SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A evidência de práticas orientalistas como instrumento do imperialismo no pós-11 de setembro. Belo Horizonte: Revista Geografias, nº 17, Pg 56-74, 2013.
22. SOMMA, Isabelle. Orientalismo na imprensa brasileira: A representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo antes e depois de 11 de Setembro de 2001. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Orientais, Programa de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, 2007.